

Editorial

DR. TABAJARA PEDROSO

Professor da Universidade de Minas Gerais

Não tratamos aqui da Geografia mnemônica, aquela velha e mutável catalogação de acidentes geográficos, mas da ciência geográfica, base e campo das principais atividades humanas. O terreno, o relêvo, o regime hidrográfico, o material mineralógico, plantas e animais, as condições climáticas, as estatísticas e as possibilidades econômicas são elementos cuja apreensão é indispensável não só aos que se dedicam a estudos superiores, mas precipuamente aos homens de governo e aos orientadores da agricultura e das grandes indústrias.

Todos precisam da Geografia. Mesmo os homens de trabalho comum. O lavrador, por exemplo, não prescinde de conhecimentos geográficos. Adquire-os geralmente com a experiência cotidiana e com os ensinamentos pelos pais. O terreno, êle o conhece pela vestimenta, ou, melhor, pelas árvores que espontaneamente nascem no local. Assim, a terra boa, no Brasil Meridional, é caracterizada pela presença de plantas como o pau-de-alho, o cambará, o cebolão e o jaborandi. Pelo clima, por sua vez, sabe das épocas próprias de plantio, da capina e da colheita. A posição da casa e das plantações requer uma noção prévia do sentido dos ventos dominantes e acidentais. A medida da água para o moinho e muitos outros fatos da indústria rural evidenciam que o lavrador, mesmo analfabeto e simples, sabe algo de Geografia. Aprende-o no melhor de todos os livros — a natureza. Quanto, porém, não melhorará a sua produção, quando uma escola tipicamente rural lhe ministrará conhecimentos novos, experimentados em outras terras e cientificamente elaborados, tais como a preservação do solo contra a erosão e o sistema de rodízio das plantações!

A economia de uma nação acha-se na mais estrita dependência dos seus valores físicos e humanos. A construção de estradas requer conhecimento antecipado das águas e do terreno. As rotas marítimas e aéreas obedecem a uma segura orientação geográfica. Até mesmo os trabalhos comuns das cidades exigem conhecimentos geográficos.

A escolha de um local para a fundação de uma cidade não pode nunca prescindir de um estudo prévio do meio geográfico. Belo Horizonte está maravilhosamente abrigada dos ventos pela serra, beneficiando-se com as aragens ozonadas da média atmosfera. Falta-lhe, porém, um rio mais largo, um vasadouro de maior capacidade, principalmente agora que, com o espantoso crescimento de seus subúrbios, as águas pluviais canalizam, tôdas para o mesmo vale e a um só tempo. Poucas são as grandes cidades que não dispõem de um rio volumoso, de um lago ou de um mar.

A Geografia revela aos cientistas o mundo físico para as suas pesquisas e aplicação de suas teorias. A Geografia é indispensável à História, à Política, à Economia Política e à Engenharia.

Não é possível estratégia militar sem Geografia. As recentes invasões da Algéria, Itália e França, na última guerra, seriam irrealizáveis se o Estado Maior de Eisenhower desconhecesse a época certa das marés vivas, dos ventos locais e a disposição segura dos litorais visados. Ponto estratégico é posição geográfica. Napoleão perdeu para Wellington porque um de seus generais ignorava o caminho de Waterloo. As memoráveis façanhas do general INVERNO contra Napoleão e Hitler e as do almirante TEMPESTADE contra Felipe II e sua "invencível" armada acentuam que os fenômenos meteorológicos são de importância capital no decurso das guerras.

A Geografia conquista a Terra, revelando-a minuciosamente. Os sábios-viajantes, ao sulcarem os grandes rios, ao enfrentarem a selva amazônica, não o fazem por mero diletantismo, e sim por amor a ciência. Charles de la Condamine ao descer o Amazonas, leva consigo, além da prova do achatamento da Terra, a novidade espantosa dessa matéria prima, hoje de primeira ordem, que é a borracha, Alexandre von Humboldt, assomando as montanhas do Equador e assombrando-se com a exuberância da hileria brasileira, coordena os elementos com que, no Século XIX, se renovam muitas ciências e se firmam alguns velhos princípios, anulando-se outros. Garcia Moreno, arriscando-se temerariamente pela cratera do Pechincha, fornece ao mundo afirmações indiscutíveis a respeito de sismologia, pondo por terra algumas teorias que estavam impedindo o avanço da geofísica.

Sem base geográfica não há administração do estado. Ninguém é economista sem ser antes geógrafo. O levantamento geográfico é indispensável a qualquer planejamento político. São temerários e inúteis os planos no aconchego das poltronas confortáveis. O planejamento custa dispêndios e exige sol, chuva e fadigas. A equipe do Conselho Nacional de Geografia varam os nossos sertões, dormem, muitas vezes, ao relento experimentam as duresas das jornadas, a fim de revelarem, quais novos bandeirantes, a realidade geográfica do Brasil. José Veríssimo da Costa Pereira, infatigável desbravador do Oeste e da Amazônia, morreu, há pouco tempo, quando, cumprindo seu árduo dever, viajava pelo Amazonas. A história da geografia, na aventura maravilhosa da conquista da Terra, registra inúmeros heróis, como Fernão de Magalhães, La Perouse, Coir, Livingstone, Amundsen, Wegner e esse jovem explorador francês, Richard Holland, que recentemente, se despenhou no abismo de um grotão do Atlas, quando tentava uma escalada em busca de dados e informações necessárias a um planejamento econômico.

O ensino da Geografia deve merecer pelos motivos que acabamos de expôr um tratamento mais razoável da parte dos órgãos encarregados de legislar. Não tem cabimento a situação que lhe procuram dar nos ante-projetos de "reforma" de ensino que vêm formulando. Querer "juntar" a geografia a outra disciplina, como um traste inútil, é um erro que por certo, se refletirá amanhã na cultura nacional e nos destinos da Pátria. Convém aliá-lo antes que o mal se torne irremediável.